

#cm  
2  
FIM DE SEMANA



Thaty Aguiar/Divulgação

# O Samba não sai dos trilhos

Trem do Samba chega aos 30 anos resgatando as viagens musicais lideradas por Paulo da Portela que driblaram a repressão policial nas primeiras décadas do século passado.

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE



Por Affonso Nunes

**N**os vagões apinhados de trabalhadores nos trens que cortavam os bairros do subúrbio da Central nas primeiras décadas do século passado, Paulo da Portela driblou a repressão com arte popular. Enquanto a polícia perseguia os sambistas e proibia suas rodas pela cidade, o fundador da azul e branco encontrou uma brecha: cantar durante a viagem de volta para casa, em Oswaldo Cruz. Ali, entre estações e apitos, o samba se fazia resistência em movimento, evoluindo pelos trilhos a espelhar segredos ancestrais com força do povo perseguido.

Décadas depois, Marquinhos de Oswaldo Cruz olhou para essa história e pensou: por que não transformar aquela viagem clandestina em celebração pública? Nasceu assim, em 1995, o Trem do Samba, que neste sábado completa 30 anos repetindo o trajeto lendário de Paulo, mas agora com os vagões lotados de festa, orgulho e reafirmação da identidade do povo preto. O que um dia foi fuga virou encontro. O que era silêncio hoje ecoa gritos de alegria. E Oswaldo Cruz, a décima sexta estação do ramal santa Cruz, nunca esteve tão pronta para receber essa festa que embala os trilhos com poesia.

Quando Marquinhos de Oswaldo Cruz idealizou o Trem do Samba, em 1995, o subúrbio carioca vivia um período de invisibilidade cultural. As comunidades que historicamente sustentaram o samba como expressão máxima da identidade afro-brasileira pereciam no esquecimento. Foi nesse contexto de apagamento que o cantor e compositor decidiu resgatar a memória poderosa das viagens de resistência de Paulo da Portela. Dessa inspiração que nasceu um dos mais importantes movimentos de valorização da cultura sambista no Rio.

O Trem do Samba é parte do calendário de ações relativas ao Dia Nacional do Samba, celebrado todos os dias 2 de dezembro. Não se trata da data de nascimento de Tia Ciata. Também não é quando Donga gravou “Pelo Telefone”. E muito menos quando Ismael Silva e os bambas do Estácio fundaram a Deixa Falar. O Dia Nacional do Samba surgiu por iniciativa de um vereador baiano, Luis Monteiro da Costa, para homenagear Ary Barroso. Ary já tinha composto seu sucesso “Na Baixa do Sapateiro”, mas nunca havia posto os pés na Bahia. Esta foi a data que ele visitou Salvador pela primeira vez. A festa foi se espalhando pelo Brasil e virou uma comemoração nacional.

Organizada metodicamente por Mar-



*Marquinhos de Oswaldo Cruz diz que a tradição é o pilar central de todo o projeto, o que mantém o Trem do Samba em movimento, apesar das adversidades enfrentadas nesses 30 anos*

# Uma viagem que resgata o orgulho suburbano

quinhos de Oswaldo Cruz, a celebração do Trem do Samba mantém uma tradição que se repete há três décadas. O plataforma da Central do Brasil se transforma no ponto de embarque de uma jornada que conecta gerações de sambistas. Marquinhos recebe as velhas guardas de escolas históricas como Mangueira, Salgueiro, Império Serrano e Vila Isabel, além de nomes representativos da cena sambista: Makley Matos, Gisa Nogueira, Didu Nogueira, Osmar do Breque, Ernesto Pires e Marquinhos Sathan, entre outros bambas.

Da Central três trens partem rumo a Oswaldo Cruz, cada vagão transformado em espaço de celebração com as principais rodas de samba da cidade. É uma alegria só. Os trens começam a sair às 18h04, com embarques que se estendem até às 19h30, alguns mediante a troca solidária de um quilo de alimento não perecível.

Ao chegar em Oswaldo Cruz, o bairro

se transforma em um grande palco a céu aberto. Três estruturas principais recebem shows de peso: o Palco Mestre Candeia, na Rua João Vicente, apresenta Samba da Volta, Dorina, Marquinhos Diniz e Dudu Nobre; o Palco Dona Ivone Lara, na Rua Átila da Silveira, traz Terreiro de Crioulo e Convidados, além de Roberta Sá; e o Palco Mestre Monarco, na Praça Paulo da Portela, recebe a Velha Guarda da Portela, Marcelinho Moreira em homenagem a Arlindo Cruz e Leci Brandão. Além dos palcos principais, 20 rodas de samba se espalham pelas ruas do bairro.

“O mais difícil nessa história toda, neste tempo todo, é justamente manter a tradição. É a tradição que é o pilar central de tudo, senão um evento desse não estaria acontecendo. Foram anos e mais anos com dificuldades, mas sempre fomos bem exigentes em não abrir mão da tradição. É ela que garantiu a longevidade desse projeto”, destaca

Marquinhos, um autêntico guardião deste legado tão rico.

## SERVIÇO

### TREM DO SAMBA 30 ANOS

Saída dos trens da Central do Brasil entre 18h04 (convidados) e 19h30 – Embarque livre

### Em Oswaldo Cruz

Palco Mestre Candeia (Rua João Vicente): Samba da Volta, Dorina, Marquinhos Diniz e Dudu Nobre  
Palco Dona Ivone Lara (Rua Átila da Silveira): Terreiro de Crioulo e Convidados, Roberta Sá  
Palco Mestre Monarco (Praça Paulo da Portela): Velha Guarda da Portela, Marcelinho Moreira (homenagem a Arlindo Cruz) e Leci Brandão  
Mais 20 rodas de samba espalhadas pelo bairro  
Grátis



Divulgação



Mayra Andrade segue os passos da saudosa Cesária Évora, que levou os sons de Cabo Verde ao mundo

# De volta às origens

Cabo-verdiana Mayra Andrade traz ao Brasil turnê em que revisita seu repertório em formato voz e violão

Por Affonso Nunes

**H**á quase vinte anos, uma adolescente de 15 anos dava seus primeiros passos na cena musical de Praia, capital de Cabo Verde, armada apenas com sua voz e um violão. Duas décadas depois, Mayra Andrade retorna a esse formato para celebrar um ciclo que atravessa cinco álbuns de estúdio, turnês internacionais e o reconhecimento como uma das vozes mais singulares da música cabo-verdiana contemporânea, seguindo os caminhos abertos pela lendária Cesária Évora (1941-2011). O projeto “reEncanto”, que a cantora e compositora apresenta no Vivo Rio neste domingo (7)

é um mergulho nas raízes de seu processo criativo.

Nascida em Havana em 1985, filha de diplomatas cabo-verdianos, Mayra cresceu no exterior mas foi na música tradicional de seu arquipélago natal que encontrou sua identidade artística. Desde o álbum de estreia “Navega”, lançado em 2006, quando tinha apenas 21 anos, a cantora construiu uma discografia que dialoga com a tradição musical cabo-verdiana sem abrir mão de influências do jazz, do pop e de sonoridades contemporâneas. Passaram-se “Stória, Stória...” (2009), “Lovely Difficult” (2013) e “Manga” (2019), cada um deles expandindo as fronteiras de sua música com arranjos elaborados e colaborações com

artistas de várias nacionalidades.

Foi durante a turnê de divulgação de “Manga”, em 2022, que Mayra sentiu a necessidade de voltar ao ponto de partida. Acompanhada apenas pelo compatriota Djodje Almeida, ela começou a revisitar seu repertório no formato que sempre marcou o início de suas composições: a voz, o violão e pequenas percussões, onde as notas dedilhadas, arranhadas ou percutidas recebem as emoções e as palavras antes que qualquer arranjo ou produção de estúdio entre em cena. A ideia ganhou corpo e se transformou em “reEncanto”, projeto que marca tanto o fim quanto o início de um ciclo pessoal e artístico para a cantora, que havia acabado de se tornar mãe.

“Com essa nova vida que nasceu, surgiu a necessidade de redescobrir minha própria voz, meu canto, nessas canções criadas há tantos anos. O projeto Reencanto criou um espaço onde pude revisitar meu repertório e compartilhar as histórias que inspiraram essas músicas”, conta Mayra. A maternidade trouxe uma nova camada de significado para canções compostas ao longo de quase duas décadas, e o formato intimista permitiu que esse reencontro acontecesse sem intermediários, criando uma conversa direta com o público. No repertório, ela atravessa toda sua discografia, desde “Navega” até “Manga”, revisitando faixas que ganharam novos significados ao longo dos anos.

Os primeiros quatro shows neste formato aconteceram em Portugal em 2022, seguidos por cerca de 15 apresentações pela Europa em 2023. A resposta da plateia surpreendeu a própria artista. “Algo muito particular acontecia entre o palco e o público. Era como uma viagem extremamente profunda e comovente. Foi então que percebi que havia algo maior ali, e que era preciso deixar um registro dessa troca”, explica. Esse registro veio em forma de álbum ao vivo, gravado em novembro de 2023 na Union Chapel, uma capela neogótica em Londres, e lançado em outubro de 2024. O disco captura a dimensão de luz e sombra que marca as apresentações.

A parceria com Djodje Almeida, músico que Mayra conheceu durante sua participação em uma peça de dança contemporânea, revelou-se fundamental para a alquimia do projeto. “Djodje é um músico também cabo-verdiano, dotado de grande talento e humildade. Seu conhecimento versátil da música tradicional de Cabo Verde e de outros gêneros nos permitiu uma grande liberdade musical e uma verdadeira alquimia”, destaca a cantora.

Em 2024, o projeto percorreu Cabo Verde, Estados Unidos, Brasil e Europa, somando mais de vinte apresentações. A turnê brasileira de 2025 passou por Brasília, São Paulo e Curitiba antes de chegar ao Rio, sempre com recepção calorosa de um público que acompanha a trajetória de Mayra desde seus primeiros discos. O Brasil, aliás, tornou-se território importante na carreira da artista, que encontra no país uma audiência receptiva às conexões entre a música cabo-verdiana e as experiências culturais brasileiras.

## SERVIÇO

### MAYRA ANDRADE - REENCANTO

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo)

7/12, às 21h

Ingressos a partir de R\$ 160 e R\$ 80 (meia)



# Um cantador de histórias

Flávio Venturini encerra no Qualistage turnê que celebra seus 50 anos de estrada

Por Affonso Nunes

**M**úsico da geração revelada após o Clube da Esquina, Flávio Venturini comemora 50 anos de trajetória musical com a turnê “Minha História”, que chega ao fim nesta sexta-feira (5), a partir das 21h, no palco do Qualistage. A apresentação reúne um time de convidados que inclui Ana Cañas, Leila Pinheiro, Gabi Melim, Milton Guedes, Sá e Dado Vila-Lobos, além de uma banda especialmente montada para o espetáculo.

O projeto nasceu de convite do empresário Steve Altit, da Top Cat Produções. A proposta inicial era regravar os maiores suces-

sos de Venturini, mas o escopo se ampliou. “Aceitei de imediato, e agora o disco está pronto! O projeto evoluiu para um álbum ainda mais grandioso, com a participação de alguns dos maiores artistas brasileiros”, destaca o cantor e compositor mineiro que despontou na cena musical com o grupo 14Bis para depois seguir numa impressionante carreira solo marcada por vários sucessos.

O álbum homônimo, distribuído pela Biscoito Fino e também lançado em vinil, conta com produção de Torcuato Mariano, responsável por alguns dos trabalhos mais significativos na discografia de Venturini. Entre as participações especiais estão Djavan, Ivete Sangalo, Guilherme Aran-

tes, Vanessa da Mata, J. Quest, Frejat, Ritchie, Gloria Groove, Ney Matogrosso e Roupa Nova.

No palco, o repertório revisita clássicos como “Todo Azul do Mar”, “Noites com Sol”, “Nascen-te”, “Espanhola”, “Céu de Santo Amaro” e “Clube da Esquina 2”, com novos arranjos. A direção geral fica por conta de Jorge Espírito Santo, com direção de arte de Alexandre Arrabal e iluminação de Césio Lima.

“Sempre considerei o Flávio um dos melhores compositores da nossa música – um ícone das melodias, dono de uma criatividade incomparável”, afirma o Allit.

## SERVIÇO

FLÁVIO VENTURINI - MINHA HISTÓRIA

Qualistage (Via Parque Shopping: Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca)  
5/12, às 21h

Ingressos a partir de R\$ 80



Flávio Venturini relembra nesta turnê seus grandes sucessos desde os tempos do 14Bis

# Uma joia revisitada

Los Sebosos Postizos celebra meio século do álbum ‘A Tábua de Esmeralda’, obra-prima de Jorge Ben Jor

Cinquenta anos depois de revolucionar a música brasileira, “A Tábua de Esmeralda” volta aos palcos cariocas pelas mãos do Los Sebosos Postizos. Neste sábado (6), o Circo Voador recebe, mais uma vez, a turnê da banda que celebra o álbum icônico de Jorge Ben Jor, lançado em 1974 e considerado pela revista Rolling Stone Brasil o sexto melhor disco brasi-

leiro de todos os tempos.

A banda resgata esta obra que marcou a fase da “alquimia musical” de Ben Jor. Jorge Du Peixe (vocal), Dengue (baixo) e Gustavo da Lua (percussão), acompanhados de Carlos Trilha (teclados) e Pedro Baby (guitarras), executam o disco na íntegra, trazendo ao público clássicos como “Os Alquimistas Estão



Los Sebosos Postizos toca na íntegra o repertório impecável do mais festejado álbum de Jorge Ben Jor

Chegando os Alquimistas”, “O Homem da Gravata Florida”, “Errare Humanum Est”, “Menina Mulher da Pele Preta”, “Zum-

bi” e “Cinco Minutos”. Além das faixas do álbum original, o repertório inclui outros sucessos do compositor carioca.

Divulgação

A noite começa com a Roda de Ska, que apresenta um repertório eclético transitando entre ska, rocksteady e reggae. O grupo revisita desde clássicos jamaicanos de The Specials e Bob Marley até releituras jamaicanizadas de Tim Maia, Chico Science & Nação Zumbi, The Clash e George Michael. Antes e depois das apresentações, o DJ Lencinho comanda a discotecagem com foco em Bob Marley e outras referências do reggae. (A.N.)

## SERVIÇO

LOS SEBOSOS POSTIZOS - A TÁBUA DE ESMERALDA  
Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa) | 6/12, a partir das 20h (abertura dos portões)  
Ingressos a partir de R\$ 140 e R\$ 70 (meia)





Vem viver

Chegou a época do ano de viver mais encontros, e o Sesc preparou uma programação especial com atrações para toda a família.

Vem viver o Natal.  
Vem viver mais encontros.  
Vem viver o Sesc.

encontros



Confira a programação completa em  
[natalsesc.com.br](http://natalsesc.com.br)

11 de novembro  
a 06 de janeiro





Vinicius Mochizuki/Divulgação

# Entre clássicos e novidades

Alcione volta ao Rio com show da turnê de lançamento de seu álbum mais recente



Por Affonso Nunes

**D**epois de rodar o Brasil com a turnê de seu mais novo álbum, Alcione volta aos palcos cariocas para apresentação única no Qualistage neste sábado (6),

às 21h30, trazendo na bagagem os eternos sucessos que consolidaram sua trajetória e as novidades do álbum homônimo que já ultrapassa 2 milhões de acessos nas plataformas digitais. A Marrom, como sempre acompanhada por sua entrosadíssima Banda do Sol, promete uma noite memorável

ao lado de seu público fiel.

O novo trabalho da cantora tem se destacado nas plataformas de streaming, com números expressivos que comprovam a força de sua música. A empoderada “Marra de Feroz” lidera com 1 milhão de acessos, seguida por “Não mexe comigo”

(554 mil), “Evidências” (350.200) e “Mar de segredos” (119 mil), esta última integrando a trilha sonora da novela “Garota do Momento”.

O repertório do show reúne clássicos atemporais como “Estranha Loucura”, “A Loba”, “Você Me Vira a Cabeça”, “Meu Ébano”, “Meu Vício É Você” e “Não Deixe o Samba Morrer”, além das inéditas e regravações do álbum recém-lançado. Destaque especial para a nova versão de “Evidências”, que ganha contornos únicos sob a interpretação visceral e imponente da cantora. A turnê também incorpora ao roteiro sucessos de Jorge Benjor e Benito di Paula, ampliando o diálogo com diferentes vertentes da música brasileira.

Com mais de cinco décadas de carreira, Alcione segue renovando seu público e reafirmando sua posição como uma das maiores intérpretes da música popular brasileira, sem jamais abrir mão da autenticidade que a tornou referência no samba e em outros gêneros.

## SERVIÇO

ALCIONE

Data: 6 de dezembro (sábado)  
Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca) | 6/12, às 21h30  
Ingressos a partir de R\$ 80

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



### Novo trabalho

Flor Gil apresenta o EP “Melíflua” no Manouche em nesta sexta-feira (5) no Manouche. O trabalho reúne releituras de clássicos brasileiros e canções autorais. “Com o tempo, percebi que queria experimentar outras sonoridades além da MPB e cheguei a um meio termo, equilibrando a brasilidade com uma pegada mais norte-americana, com elementos de R&B, indie e po”, comenta a neta de Gilberto Gil.

Divulgação



### Experimentação

O festival Novas Frequências realiza sua 15ª edição no Circo Voador neste domingo (7). A programação reúne Metá Metá (foto com Juçara Marçal, Thiago França e Kiko Dinucci), Papangu e as bandas TEST e Deafkids, explorando sonoridades entre metal, progressivo e noise. Criado em 2011, o evento de experimentação musical já ocupou diversos espaços cariocas, entre casas de show, salas de concerto, igrejas e locais públicos.

Divulgação



### Big retorno

O Big Allanbik retorna aos palcos após 23 anos. Surgida nos anos 1990, a banda se tornou referência do blues-rock brasileiro, chegando a dividir palco com B.B. King, Eric Burdon e Robert Cray. O grupo se apresenta neste sábado (6), às 22h30, no Blue Note Rio. Os fundadores Big Gilson, Beto Werther e Ugo Perrotta retomam o projeto ao lado dos músicos Bernardo Cunha e Leandro Freixo.

Divulgação



### Diversidade

O espetáculo “Coração Brasileiro”, projeto que reúne o trompetista Silvério Pontes, o pianista Antônio Guerra e a saxofonista Daniela Spielmann, é a tração deste domingo (7), às 19h, no Blue Note Rio. O repertório selecionado pelos músicos celebra a diversidade musical do país com obras de Pixinguinha, Radamés Gnatalli, João Bosco, Chico Buarque e Guinga, além de composições autorais e parcerias do trio.



Por **Cláudio Handrey**  
Especial para o Correio da Manhã

**C**omo uma fábula, o excelente e provocativo texto de Cecília Ripoll ganha força pelas mãos dos carismáticos e talentosos Bando de Palhaços, que completam 15 anos no aconchegante palco do Sesc Arena de Copacabana, que deixa-nos ainda mais imersos pela estrutura do espetáculo. A dramaturgia, propositadamente, desenvolve sua obra num viés um tanto quanto mais literário, estabelecendo uma fusão acertada entre a palavra escrita e a que deve ser falada, já que o contexto faz um transporte onírico na literatura.

“Como nos Livros” está recheado em metáforas, ficcionalizando um grupo de insetos, as traças, elaborando uma analogia com o ser humano, que persiste em deteriorar tudo que construiu, inclusive à si mesmo. As personagens têm nomes extraídos de histórias gregas, medievais, shakespearianas, introduzindo citações de inúmeros autores, entre eles: Clarice Lispector, Charles Chaplin, Fernando Pessoa, Friedrich Nietzsche, apimentando ainda mais a condução dramática.

Há um estranhamento poético, onde o diretor André Paes Leme corporifica o espetáculo, oferecendo-nos uma magia, pela qual somos



O elenco mostra no palco uma sinergia contagiante

# Humanos em decomposição

levados à uma imaginação fértil, no que temos a nítida sensação de estarmos folheando um bom livro, valorizando a metalinguagem – outro ponto para Ripoll, além de conduzir seus intérpretes teatralmente, afastando-os da caricatura.

Todo o Bando de Palhaços encontra-se

em sinergia contagiante. Seguros, vão desvelando emoções e definindo um bando situações cômicas. Vale ressaltar o solilóquio da personagem T.Obaldo, repleto de variações, muito bem defendidas por Filipe Codeço, mas Ana Carolina Sauwen – com ótima dicção, Fabrício Neri, Mariana Fausto e Pablo

Aguilar possuem uma homogeneidade proveniente de uma companhia, que vêm polindo seu bando de talentos há anos.

Cachalote Mattos ambienta uma cenografia adequada, ao forrar o palco com um tecido tingido, numa alusão às traças, configurando pequenos domicílios em que os referidos insetos insistem em coabitar lugares escuros e úmidos. No mesmo diapasão, os atores são trajados por Arlete Rua, num figurino que assemelha-se às cores das traças, misturando uma indumentária esmaecida. Tudo isso revestido por Ana Luzia Molinari de Simoni, conseguindo cenografar um aspirador de pó, primorosamente, com bela luz inventiva, auxiliando na tensão dramática.

“Como nos Livros” é filosofia da melhor qualidade, em que delírios e racionalizações são apresentados para que possamos refletir, com astuta comicidade, sobre nossas ações e até onde vamos chegar por sermos traças que corroem o nosso próprio destino.

## SERVIÇO

### COMO NOS LIVROS

Teatro de Arena do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160) | Até 7/12, de quinta a sábado (20h) e domingo (18h) | R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 10 (associado Sesc)

## NA RIBALTA

POR **AFFONSO NUNES**

### Entre obsessões

Protagonizada por Cláudia Ohana, Daniel Dantas e André Gonçalves, a comédia “TOC TOC” acompanha seis pacientes com diferentes Transtornos Obsessivos Compulsivos que se encontram na sala de espera do Dr. Stern. Com o atraso do médico, eles precisam conviver e lidar uns com os outros, gerando situações hilárias e inesperadas. A montagem explora o humor a partir das peculiaridades e desafios enfrentados pelos personagens em cena.



Priscila Prade/Divulgação

### O admirável Zé

O musical “O Admirável Sertão de Zé Ramalho” segue em cartaz no Teatro Carlos Gomes até 14 de dezembro, com entrada franca e ingressos a preços populares. Com dramaturgia de Pedro Kosovski e direção de Marco André Nunes, a montagem explora de forma não biográfica o cancionário, a literatura e a trajetória do artista. O personagem Zé Ramalho aparece apenas nos números musicais, criando uma experiência cênica que dá vida aos elementos de sua obra no palco numa abordagem sobre o universo criativo do compositor.



Divulgação



Cláudia Ribeiro/Divulgação

### Dores e esperanças

Sucesso na Broadway, “O Som que Vem de Dentro” pode ser vista no Teatro Glaucê Rocha até 14 de dezembro. A peça acompanha a relação entre Bella Lee Baird (Gláucia Rodrigues), professora de Literatura em Yale com câncer avançado, e Christopher Dunn (André Celant), jovem escritor inquieto e desajustado. A montagem expõe dores e esperanças dos personagens em uma luta contra suas realidades, revelando a busca humana por significado, conexão e respostas para questões existenciais profundas.

SHOW

SALMA JÔ

\*A frontwoman da banda goiana Carne Doce apresenta show solo com versões de hits da banda se jogando num clima de pista com beats, guitarra e sintetizador. Sáb (6), às 20h. Audio Rebel (Rua Visconde Silva, 55 - Botafogo). R\$ 50

ALAÍDE COSTA E GILSON PERANZZETTA

\*A diva e o maestro, pianista e arranjador comemoram os 20 anos da gravação de “Tudo que o Tempo Me Deixou”, álbum indicado ao Grammy Latino. Sex (5), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). A partir de R\$ 42

TIEE

\*O cantor e compositor realiza a última edição do ano do evento Subúrbio, uma celebração da cultura e da musicalidade carioca. Sáb (6), às 14h. Ilha Itanhangá (Estr. da Barra da Tijuca, 793). A partir de R\$ 50

QUE PENHA AMOR

\*Conhecido por arrastar mais de 30 mil foliões no carnaval carioca, o bloco apresenta versões inéditas de clássicos do pagode em ritmo de samba, ijexá, funk, axé, marchinha, xote, entre outros. Sáb (6), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). A partir de R\$ 50

QUINTAL DOS RIBEIROS

\*Para celebrar o Dia Nacional do Samba, o Samba da Feira recebe a roda de samba comandada por Alex Ribeiro, filho do saudoso Roberto Ribeiro. Sáb (6), às 14h. Feira da Lavradio (Rua do Lavradio, 133, Centro). Grátis

MARCELA MANGABEIRA

\*A cantora passeia pelo universo da canção brasileira com interpretações de artistas consagrados e de nomes mais recentes como Tó Brandileone e Marcelo Fedrá. Sex (5), às 20h. Palácio da Música (Rua Buarque de Macedo, 87 - Flamengo). R\$ 50 (antecipado) e R\$ 60

CONCERTO DE NATAL

\*Os Coros de Câmara e Sinfônico da Associação de Canto Coral (ACC) apresentam o “Concerto de Natal: uma celebração barroca”. Sáb (6), às 18h30. Paróquia N. Sra. do Perpétuo Socorro (Praça Edmundo Rêgo 27. Grajaú). Grátis



Água de Meninos

# Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Victor Balde/Divulgação



Salma Jô

DANÇA

ÁGUA DE MENINOS

\*Após mais de duas décadas sem criar uma coreografia inédita, Dalal Achcar - grande dama da dança brasileira - assina um espetáculo da companhia que leva seu nome em parceria com Éric Frédéric, seu maître du ballet, a partir de partitura encomendada ao amigo Tom Jobim há mais de 60 anos. Vinte e um bailarinos narram esse diálogo entre Rio e Bahia, entre a Ipanema dos anos 1960 e o bairro so-teropolitano que batiza a obra. 4 e 5/12 (20h30), 6/12 (16h e 20h30) e 7/12 (16h). Cidade das Artes Bibi Ferreira (Avenida das Américas, 5300 - Barra da Tijuca). Entre R\$ 50 e R\$ 25 (meia) e R\$ 140 e R\$ 70 (meia)





Nastácia



Vital, o Musical dos Paralamas  
Ariel Santos/Divulgação



Marcela Mangabeira

Priscila Natany/Divulgação

André Wanderley/Divulgação



Drummond para Crianças



Quebrando Paradigmas

Priscila Natany/Divulgação

Divulgação

QUEBRANDO PARADIGMAS

✱ Lucas Popeta apresenta monólogo que reflete sobre resistência, arte e representatividade sob o ponto de um jovem artista negro. Até 21/12, qui a dom (19h). CCJF (Av. Rio Branco, 241). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

NASTÁCIA

✱ Na noite do aniversário, a bela Nastácia deve anunciar seu casamento com Gânia, união articulada pelo oligarca Totski, que a tomou como concubina desde a adolescência e agora a submete a um verdadeiro leilão. Mas ela se rebela. Até 17/12, ter e qua (20h). Teatro Poeira (R. S. João Batista, 104 - Botafogo). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

DE PERTO NINGUÉM É NORMAL

✱ Comédia acompanha a saga de um grupo teatral na noite de estreia de um espetáculo. Tudo dá errado antes mesmo da abertura das cortinas, mas a ordem do diretor é não interromper a encenação, aconteça o que acontecer. Até 21/12, qui e sex (19h), sáb e dom (17h). Caixa Cultural - Teatro Nelson Rodrigues (Av. República do Paraguai, 230). A partir de R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

EXPOSIÇÃO

FRANS KRAJCBERG - UMA SEMÂNTICA DA DEVASTAÇÃO

✱ Mostra repune 38 trabalhos do pintor e escultor polonês que, já nos anos 1970, denunciava de forma contundente os riscos ambientais do planeta. Até 1/2, ter a sáb (10h às 20h), dom e fer (11h às 18h). Caixa Cultural (Rua do Passeio, 38). Grátis

IRIDIUM

✱ A ceramista Débora Mazloum apresenta suas “cerâmicas paramagnéticas”, criadas a partir de misturas de materiais como argila, metais ferrosos e magnetita. Até 10/1, qua a sáb (12h às 17h). Abapirá (Rua do Mercado, 45 - Centro). Grátis

INFANTIL

DRUMMOND PARA CRIANÇAS

✱ Ao ter que brincar dentro de casa com seu pai, o menino José descobre um livro antigo num baú velho no porão e os dois embarcam no mundo da poesia de Carlos Drummond de Andrade. Até 6/12. Sáb e dom (11h). EcoVilla Ri Happy (Rua Jd. Botânico, 1008). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

TEATRO

O MOTOCICLISTA NA GLOBO DA MORTE

✱ Du Moscovis mostra neste solo o ténue limite entre a civilidade e a barbárie. Até 14/12, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua S. João Batista, 104, Botafogo). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

A SABEDORIA DOS PAIS

✱ Natália do Vale e Herson Capri celebram 50 anos de carreira neste reencontro em montagem de texto inédito e direção de Miguel Falabella que expõe com sensibilidade o amor durante a maturidade. Até 14/12, qui a sáb (20h30) e dom (19h). Teatro Vannucci (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea). R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

VITAL, O MUSICAL DOS PARALAMAS

✱ Musical celebra os 40 anos de trajetória dos Paralamas do Sucesso e a amizade de Herbert Vianna, Bi Ribeiro e João Barone. Texto de Patrícia Andrade e direção de Pedro Brício. Até 7/12, sex (20h), sáb e dom (16h e 20h). Teatro Claro Mais (Rua Siqueira Campos, 143 - 2º Piso - Copacabana). Entre R\$ 19,80 e R\$ 100

ALEITO

✱ Espetáculo lança olhar sensível sobre a invisibilidade da mulher no âmbito familiar e doméstico. A dramaturgia de Lane Lopes costura histórias de muitas mulheres. Até 14/12, sex e sáb (19h) e dom (18h). Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto (R. Humaitá, 163). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)



FESTIVAL INTERNATIONAL DU FILM DE  
**MARRAKECH**  
المهرجان الدولي للفيلم بمراكش  
السينما المغربية | المهرجان الدولي للفيلم بمراكش

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**U**ma série de produções pilotadas por talentos que nasceram, cresceram e deram os primeiros passos autorais sem visibilidade em Hollywood, mas que deverão ser citadas na segunda-feira, no anúncio do Globo de Ouro, terão passagem pelo Festival de Marrakech no fim de semana. O encerramento do evento tem direito ao “Frankenstein” de Guillermo Del Toro e a um Park Chan-wook inédito. Especula-se que o thriller de tons irônicos do sul-coreano, o longa “No Other Choice”, estará entre os indicados a Melhor Filme de Língua Não Inglesa do prêmio americano.

Criado na década de 1940, ele é encarado como um dos estandartes da temporada de Oscars, apesar de ter colegiado diferente do da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas hollywoodiana. Seus votantes são jornalistas especializados em cinema do planeta inteiro. Na mesma categoria dos “estrangeiros”, ao lado de Chan-wook, deve estar “Sirât”, do galego Oliver Laxe, que arrebatou multidões com sua narrativa de transe num deserto. Sábado tem sessão dele no Marrocos, antes da entrega da Estrela de Ouro, o troféu oficial dessa maratona, que levou ao norte da África, em sua abertura, o pernambucano Kleber Mendonça Filho. Será difícil a Golden Globe Foundation esquecer-se dele ao revelar quem há de disputar suas estatuetas.

“O Agente Secreto”, que hoje põe o realizador na marca do milhão de ingressos vendidos no Brasil, pode figurar não apenas ao lado dos longas de Laxe e Chan-wook, mas também em categorias como Melhor Direção e Melhor Ator – as mesmas que venceu no Festival de Cannes. Seu astro, o baiano Wagner Moura, desponta como favorito, na linha de Drama, sobretudo depois ter vencido a enquete do Círculo de Críticos de Nova York. No dia 29, Kleber celebrou o cinema brasileiro em sua passagem no Marrocos, destacando como o audiovisual escancara nossos conflitos e abre reflexões inclusivas. “Sociedades muito desiguais — poucas pessoas com muito e muitas com pouco — geram tensão. E, normalmente, quem está no topo tem medo de alguma coisa. Isso existe em vários lugares. Como venho do Brasil, vejo isso dire-



Victor Jucá/Divulgação

**Wagner Moura e ‘O Agente Secreto’ têm na premiação um teste para o Oscar**

# Do Marrocos ao Globo de Ouro

Premiação encarada um ponto decisivo da corrida ao Oscar, responsável por ampliar a fama de Fernanda Torres, anuncia seus concorrentes na segunda e pode ter atrações de Marrakech



Divulgação

**A bela animação ‘Arco’, de Ugo Bienvenu, deve dar trabalho à Disney no circuito de premiações**



Agata Grzybowska/Focus Features

**‘Hamnet’ traz os bastidores familiares de um certo William de sobrenome Shakespeare**

tamente”, disse em Marrakech.

Cresce a cada dia a expectativa por seu nome entre as nomeações ao 83º Globo de Ouro. Cada indicado, em cinema e em séries de TV e streaming, será conhecido na manhã do próximo dia 8, anunciadas por Skye P. Marshall e Marlon Wayans. Todas as 28 categorias em disputa serão reveladas no site

CBSNews.com e no programa de notícias “CBS Mornings”. Os telespectadores também podem assistir ao anúncio ao vivo nos canais da CBS News no YouTube e no TikTok. Cada nome citado será destacado nas contas das redes sociais do Golden Globes® à medida que forem anunciados, com a lista completa dos indicados disponível no site da

fundação imediatamente após o anúncio. A entrega dos troféus — que, este ano contemplou a carioca Fernanda Torres, por “Ainda Estou Aqui” — está marcada para 11 de janeiro, no Beverly Hilton, na Califórnia.

Marrakech projetou o longa que vem disparando nas apostas para os Globos e para o Oscar: “Hamnet”, de Chloé Zhao. O foco de sua narrativa é um autor de teatro que atende pelo nome de Will, um professor de latim sem dinheiro que tem como sobrenome Shakespeare. O papel é de Paul Mescal. O sujeito conhece Agnes, jovem de espírito livre, vivida com ardor por Jessie Buckley. Fascinados um pelo outro, os dois iniciam um romance apaixonado, acabando por se casar e ter três filhos. Enquanto Will tenta a sorte como dramaturgo em Londres, Agnes assume sozinha as responsabilidades domésticas. Quando uma tragédia acontece, o vínculo do casal, antes profundamente unido, começa a vacilar. No entanto, é a partir das dificuldades que nasce a inspiração para uma obra-prima do teatro.

É de praxe o Globo de Ouro dividir seu certame entre Drama e Comédia/Musical, terreno no qual Paul Thomas Anderson avança múltiplas casas no comando de “Uma Batalha Após A Outra”, que tem Leonardo DiCaprio no papel de um revolucionário.

A conexão de Marrakech com os potenciais concorrentes ao Globo se estende à animação com o badalado filme francês “Arco”, aventura ecológica futurista dirigida por Ugo Bienvenu, que deve figurar entre os premiáveis e dar trabalho a títulos da Disney e de produtoras nipônicas.



ENTREVISTA / NTOBEKO SISHI, CANTOR, COMPOSITOR E ATOR

# 'Racismo é assumir que aparências justificam práticas de opressão'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**Q**uando se googla o nome de Ntobeko Sishi na web, o YouTube conduz a busca a uma excursão sonora que entorpece tímpanos com o suíngue das canções "Either Way" e "What You Need". Elas fizeram desse cantor e compositor sul-africano de 27 anos um ídolo jovem em sua nação. Sua devoção à música foi essencial para que a diretora Zamo Mkhwanazi assegurasse a ele o papel central de "Laudry", o mais convulsivo dos 13 longas-metragens em concurso pela Estrela de Ouro do Festival de Marrakech, que termina neste sábado.

O filme viaja no tempo até 1968 e se concentra em uma lavandaria familiar que opera numa zona exclusiva para brancos da África do Sul daquela época, num arranjo político raro, só concedido a seu proprietário, o comerciante Enoch (Siyabonga Shibe), por conta de favores prestados por ele a autoridades. Embora esteja tecnicamente autorizado a trabalhar no bairro, Enoch já não desfruta mais de proteção contra a intimidação de um governo opressor. Em casa, ele está determinado a garantir um futuro para os seus filhos, em particular seu primogênito, Khuthala (papel de Sishi), a quem espera um dia entregar as rédeas de seu negócio. Mas os sonhos de Khuthala de seguir uma carreira musical, entre o jazz e o rock, ao lado de uma cantora local, chocam-se com os limites



Rodrigo Fonseca

impostos pelo Estado. Não se ouve falar em Nelson Mandela no bairro deles. Só se escuta xingamento de racistas.

"Laudry" é duro, mas transcende a aspereza com seu pleito de resiliência, que Sishi amplia nas palavras que trocou com o Correio da Manhã na conversa a seguir, no Marrocos.

**Que abordagens novas ou pouco conhecidas "Laudry" traz sobre a África do Sul?**

**Ntobeko Sishi** - A história da África do Sul nas artes sempre

envolveu as palavras "pobreza", "opressão" e "morte". Os filmes históricos sobre apartheid são sempre tristes, sem debates sobre identidade. O que "Laudry" traz de novo é a mirada de um jovem que ainda é capaz de sonhar, e entende que a superação é uma prática essencial à dinâmica social.

**Você vem da música e é estreante em longas. Como foi o trabalho no set com intérpretes de maior experiência como Siyabonga Shibe, que vive seu pai, Enoch, em "Laudry"?**

Foi uma alegria atuar com Siyabonga Shibe, porque ele é uma lenda em nosso país, que trabalha como ator desde que eu era bebê. O ponto mais interessante do trabalho com ele é ver um profissional da arte com a medida certa de quando atuar e quando não, sem a necessidade de acelerar nas demandas do filme, para soar natural. Não havia ensaio entre nós no set. Chegávamos e filmávamos. Era algo vivido ali na hora.

**Você já havia feito TV antes, mas sua conexão inicial com a**

criação artística é a música. O que vem da experiência musical para o filme e o quanto, na sua trajetória como compositor, você pode se familiarizar com a MPB, com os ritmos brasileiros?

Conheço samba, só, e te confesso que preciso visitar o Rio de Janeiro, pois sei, pelo que ouço de amigos, o quanto a cidade de vocês vai enriquecer o meu repertório. Eu canto e uso a internet para disseminar meu trabalho. O que houve de comum entre o meu personagem no filme e a minha vivência é a relação de amor pela música. Eu já tocava guitarra, mas tive que aprender trompete para dar conta do papel.

**Qual é a vivência de racismo que você experimenta na África do Sul da sua geração?**

Racismo é assumir que aparências justificam práticas de opressão. Onde quer que eu vou, por ter a pele escura, as pessoas encontram maneiras de me lembrar de que eu sou preto, mesmo sem eu precisar disso. A medida disso é o fato de eu ser submetido a mais testes do que as pessoas de pele clara quando passo por inspeções de segurança.

**A recriação da brutalidade branca racista em "Laudry" é de causar engulhos, mas mostra que os horrores do passado não podem ser esquecidos. Como você avalia esse retrato da África do Sul que não evoca Nelson Mandela, em busca de uma radiografia onde a redenção ainda não era um horizonte?**

Mandela é... e será sempre... um colosso de esperança para nós. Mas o filme toma os caminhos que trilha pelo fato de nossa nação ter esquecido do nível de agressividade a que as populações pretas foram submetidas no passado. O ano de 1968, para nós, é o marco da inequidade, da falta de igualdade. Sofremos muito para superar isso, mas ainda há perigo sob a superfície de equilíbrio em que vivemos.



# Estrela de Ouro na constelação da autoralidade

FESTIVAL INTERNATIONAL DU FILM DE  
**MARRAKECH**  
المهرجان الدولي للفيلم بمراكش  
JICXX.O XOXWU I XEORC X EQQRC

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**F**altam dois longas-metragens – o russo “Memory” e o espanhol “Forastera” – para terminar o rol de treze concorrentes à Estrela de Ouro do 22º Festival de Marrakech, que tem o diretor cearense Karim Aïnouz entre os jurados. Esses concorrentes que faltam vão passar pelo Palácio do Congresso do Marrocos nesta sexta-feira. No sábado, o júri presidido por Bong Joon Ho – o cineasta sul-coreano ganhador de quatro Oscars e uma Palma de Ouro por “Parasita”, de 2019 – anuncia as produções vencedoras, mais a melhor atriz e o melhor ator.

Há um favoritismo no ar em torno de um documentário que pode ser chamado de ensaio “autogeográfico”: “My Father And Qaddafi”, dirigido pela atriz Jihan K, com CEP entre a Líbia e os EUA. É o título mais sensível entre todos os concorrentes vistos até agora e se alinha com a corrente documental que foi apelidada, pela crítica latino-americana, de “álbum de família”. É uma vertente na qual cineastas falam de parentes (como “Elena”, de Petra Costa, ou “Diário de uma Busca”, de Flavia Castro) para expor feridas nacionais ou universais.

Em sua eletrizante narrativa, Jihan recria a figura de um pai de quem tem ralas lembranças: Man-

Espécie de ‘Ainda Estou Aqui’ da Líbia e drama antirracista da África do Sul se destacam na corrida pelo cobiçado troféu marroquino, que tem o cearense Karim Aïnouz entre seus jurados



‘My Father and Qaddafi’, um ‘Ainda Estou Aqui’ líbio

Divulgação



O sul-africano ‘Laundry’ trata de paternidade sob a luz do silenciamento

sur Rashid Kikhia. Advogado especialista em direitos humanos, ele foi ministro das Relações Exteriores em solo líbio e embaixador do país junto às Nações Unidas. Depois de servir sob o regime brutal de Muammar Kadhafi (1942-2011), ele abandona o governo e vira o líder da oposição pacífica. Para muitos, chegou até mesmo a ser visto como um sucessor em potencial

de Kadhafi, numa consagração popular que terminou com a sua “desaparição”, em 1993. Sua mulher e suas filhas fazem de tudo para saber o que se passou, num caso que faz lembrar o Brasil da ditadura militar retratado em “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles.

“Filha de mãe síria, eu nunca cheguei a viver na Líbia, o que me forçou a me relacionar com a cultu-

ra do meu pai sob o prisma de uma diáspora, mas aprendi a definir a palavra ‘família’ em relação a países que pertencemos, direta ou indiretamente. Meu pai morreu pelo território em que acreditava e meu amor por ele segue”, diz Jihan K ao Correio da Manhã em Marrakech.

Seu filme levanta feridas geopolíticas explícitas de um povo. É o mesmo caso de “Laundry”, da África do Sul, que pode dar à cineasta Zamo Mkhwanazi, nascida em Durban, o Grande Prêmio do Júri ou a láurea de Melhor Direção. Assim como “My Father And Qaddafi”, seu longa trata da paternidade num contexto de silenciamento. Tudo se passa em 1968, quando o dono de uma lavanderia, Enoch (o brilhante ator Siyabonga Shibe), é assolado pela brutalidade de racistas num país que fez o apartheid uma prática de controle.

Entre as atuações que mais e melhor deslumbraram o Marrocos do último dia 28 até hoje, destaca-se o desempenho da filipina Ruby Ruiz em “First Light”, produção de US\$ 1,6 milhões, financiada em parceria com a Austrália, no papel da irmã Dolores. Fiel ao Altíssimo, ela passa a contrariar a subserviência a dogmas da Igreja depois de ver como um operário ferido é tratado... inclusive pelas agentes clericais que deveriam ampará-lo. Seu diretor, James J. Robinson, um

photógrafo de 30 anos, estreia na realização de longas esbanjando destreza, fiel à genealogia dos mestres audiovisuais das Filipinas, como Lav Diaz e Brillante Mendoza.

“Sou filho de filipina, crescido na cultura australiana, mas acompanho o trabalho de artesões da terra de meus ancestrais, como o diretor Lav Diaz, que mudou a minha relação com o tempo no cinema. Filmei em Luzon, uma ilha no norte das Filipinas, e usei a referência de Joana D’Arc para pensar a personagem de Dolores e sua relação com o Cristianismo”, diz Robinson.

Nessa linha de delitos institucionais de “First Light”, Marrakech trouxe da República Tcheca um conto sobre relações tóxicas de comando chamado “Vozes Rachadas” (“Broken Voices”), no qual o diretor Ondrej Provaszník recria o abuso sofrido por cantoras de um coro em Praga.

“Já fizeram analogias entre o meu filme e ‘Tubarão’ de Spielberg, citando o avanço de um predador que nunca sabemos quando vai atacar”, disse Provaszník ao Correio.

Sempre bem-vindo em mostras competitivas, o melodrama à moda Janete Clair bateu ponto em Marrakech em “Derrière Les Palmiers”, de Meryem Benm’Barek, do próprio Marrocos. A premiada diretora de “Sofia” (2018) nos sai com uma espécie de “Selva de Pedra”. Seu roteiro decorre em Tânger, onde o jovem Mehdi (Driess Ramdu) vê a sua relação com Selma (Nadia Kounda) abalada quando conhece Marie, uma francesa rica (Sara Giraudeau).

“Todos nós carregamos uma solidão interna, alimentada pelos fantasmas ao nosso redor, mas Mehdi, uma figura em circulação, vive o desejo”, diz Meryem. “No desejo, ele muda”.

Na coletiva de apresentação do júri, Bong Joon Ho deixou suas intenções explícitas ao analisar longas de diretores que têm no máximo dois filmes no currículo: “Descobrir novas vozes é importante, pois é da juventude que a gente espera gestos de ousadia, desafiadores”. Resta saber qual dos cineastas em concurso desafia esses padrões.



# IA nenhuma gera um 'Parasita'

FESTIVAL INTERNATIONAL DU FILM DE  
**MARRAKECH**  
المهرجان الدولي للفيلم بمراكش  
JEXXJO XOUYH I KEBIE X EQGRC

Ganhador da Palma de Ouro e do Oscar com o filme mais famoso da Coreia do Sul, Bong Joon Ho fala neste sábado às plateias de Marrakech, onde preside o júri, avesso a artificialidades

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**I**ndependentemente do filme que decidiu premiar (em acordo com seu time de juradas/os) neste sábado, no encerramento do 22º Festival de Marrakech, do qual é presidente do júri, o diretor sul-coreano Bong Joo Ho já assegurou a antipatia eternas dos desenvolvedores de IAs (Inteligências Artificiais). Mesmo os fãs de seu "Parasita" (Palma de Ouro de 2019) devem estar boladões com sua declaração irônica na abertura do evento: "Vou organizar um esquadrão militar, e a missão deles é destruir a IA". Ele fez parecer uma ironia, mas quem conferiu seu longa-metragem mais recente, "Mickey 17", hoje na plataforma MAX e na

Prime Video, saca um certo ar de verdade em seu deboche.

Ele vai tirar essa dúvida ao se encontrar com o público marroquino na manhã deste sábado, no Teatro Meydene, onde participa de uma das seções mais concorridas do evento: Conversas. São longas entrevistas, de uma hora, uma hora e meia, com celebridades autorais. Quem abriu a seleção este ano foi o pernambucano Kleber Mendonça Filho, ao falar do fenômeno "O Agente Secreto". Jodie Foster, Chiara Mastroianni, Virginie Efira, Nadine Labaki, Laurence Fishburne, Andrew Dominik e Jafar Panahi falaram nos dias seguintes. Esta manhã tem Guillermo Del Toro, para comentar "Frankenstein", já na Netflix. Nenhum tem sido mais procurado do que Bong.

Eleito para o abre-alas da (controversa) lista Cem Melhores Filmes do Século XXI, publicada no primeiro semestre pelo "The New York Times", com "Parasita", o divo da Coreia do Sul não tem o que reclamar de 2025. Envolvido com um projeto de animação já a caminho, o cineasta emplacou um dos cults de 2025, que começa a aparecer nas enquetes dos melhores longas-metragens do ano às vésperas do anúncio do Globo de Ouro. "Mickey 17" passou fora de competição pela Berlinale nº 75, em fevereiro, mas virou blockbuster em circuito, ao faturar US\$ 131 milhões nas bilheteiras. Entre a fantasia e a gargalhada, sua trama marca o regresso de Bong Joon Ho à direção de longas depois de um hiato de quase seis anos. "Costumo me ver como um realizador



**Bong Joon Ho no tapete vermelho de Marrocos. O realizador de Parasita terá um encontro marcado com a plateia de Marrakech neste sábado**

de filmes de gênero, que lida com cartilhas próprias, mas que busca fugir de obviedades", disse Joon Ho, em recente passagem por Cannes.

Agora, via MAX, o público brasileiro vai embarcar com ele numa viagem muito loca por um mundo gelado, Niflheim, a arena de "Mickey 17", que pode

se tornar uma colônia de exploração para a Terra se uma horda de criaturas com aspecto de ácaro, porém com tamanho GG, colaborar. "O que eles vivem é algo trágico e cômico ao mesmo tempo", disse Joon Ho na Berlinale.

Marrakech espera por suas palavras no desfecho de sua maratona audiovisual.

Divulgação



**'Palestina 36', representante oficial de seu país ao Oscar, narra os origens do conflito no Oriente Médio**

## Encerramento à moda palestina... com esperança

Poucos títulos projetados em Marrakech, mesmo aqueles com apelo para o Oscar, tiveram uma sessão tão efervescente quando "Era Uma Vez Em Gaza", dos irmãos Tarzan & Arab Nasser. O enredo se passa em 2007, quando Yahya, um jovem estudante, faz amizade com Osama, um carismático e generoso dono de restaurante. Juntos, eles passam a vender drogas em meio as entregas de sanduíches de falafel, mas logo se veem obrigados a lidar com um policial corrupto e seu ego

inflado. Espera-se um ardor similar do longa que vai encerrar o evento marroquino neste sábado: "Palestina 36", de Annemarie Jacir.

Exibido no Festival de Toronto e na Mostra de São Paulo, o filme se passa em 1936 e Jeremy Irons é um dos astros em seu elenco, que traz ainda Hiam Abbas, uma das mais famosas atrizes do Oriente Médio. Seu enredo conta que, na segunda metade dos anos 1930, vilarejos por toda a Palestina se insurgem contra o domínio colonial britânico. Na

ocasião, Yusuf (Karim Daouad Anaya), que tenta construir sua vida para além dessa crescente agitação, se vê dividido entre sua casa na região rural e a inquietude de Jerusalém. Mas a História é implacável. Com o aumento do número de imigrantes judeus fugindo do antisemitismo na Europa e a população palestina se unindo na maior e mais longa revolta contra os 30 anos desse domínio colonial, tudo parece se encaminhar em direção a um conflito inevitável. (R. F.)



L Barreto/Divulgação



O mineiro Moisés Mattos fez do piano sua forma de expressar suas inquietudes poéticas

# Afinando a inclusão

‘3 Atos de Moisés’ expande a força do cinema documental musical brasileiro ao narrar as lutas de um pianista mineiro para se firmar na arte num binômio de destreza e poesia

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**V**ertente mais bem-sucedida do cinema de não ficção do país quando se pensa na adesão (e na mobilização sentimental) das plateias há exatamente 20 anos, desde o fenômeno “Vinícius” (2005), o cinema documental musical brasileiro ganha um reforço afetivo neste

fim de semana com a estreia de “3 Atos de Moisés”. Com direção de Eduardo Boccaletti, a produção narra os feitos artísticos do pianista Moisés Mattos, mineiro de Juiz de Fora.

Desde novinho, ele cultivou uma determinação sem igual para superar preconceitos inerentes à origem extremamente humilde, a fim de se tornar um dínamo do piano. Formou-se pela Universidade de Bremen, na Alemanha, e conseguiu to-

car em grandes salas da Europa. O documentário é estruturado em três pilares que refletem as fases mais significativas de sua vida: seu início em Juiz de Fora, sua trajetória em terras alemãs e seu retorno triunfante à sua cidade natal, a cidade mineira de Juiz de Fora. O filme é produzido pela É Pra Ontem Filmes e distribuído pela Pipa Pictures.

“A história de Moisés é mais a de um amor obstinado, desses que não admitem alternativa, do que de um enfrentamento heroico. Ele nunca teve um plano B, porque transpareceu sempre muita certeza do que queria, antes mesmo que a vida permitisse que ele tocasse um piano de verdade”, explica Boccaletti ao Correio da Manhã.

Dividido em torno de momentos distintos da jornada de Moisés pela música, o filme começa com o pianista relembrando seu périplo de resiliência e determinação para aprender a tocar o instrumento. A narrativa entrecortada entre Brasil e Alemanha - sempre em movimento, assim como seu protagonista - nos leva ao segundo ato, mostrando como ele, que aprendeu Alemão por conta própria ainda em Juiz de Fora. Ao estudar o idioma, conseguiu se mudar para a Europa e continuar seus estudos no país natal de seus

maiores ídolos musicais. Mesmo enfrentando numerosos desafios na Alemanha, Moisés Mattos nunca parou: formou-se em Bremen, aprendeu seis novos idiomas e iniciou sua carreira como solista, tornando-se um símbolo de persistência, perseverança e acima de tudo, amor pela música. Equilibrando aulas, estudos e concertos diários, sua carreira se consolidou na terra dos grandes compositores, mas ainda havia um desejo a ser realizado: um recital em Juiz de Fora, sua cidade natal.

“Em vez de reduzir sua trajetória a uma fábula de resistência, o filme se aproxima daquilo que eu vi de mais puro nele: a fidelidade absoluta de uma criança ao seu sonho”, diz Boccaletti. “É por isso que vemos Moisés, ainda menino, desenhar um piano numa bancada de madeira para poder tocar o instrumento que não tinha. Esse gesto tão simples e gigantesco é o coração do filme e prova que a música já existia nele antes mesmo de ele ter acesso ao instrumento”.

O terceiro e último ato do filme mostra o retorno às origens. Depois de mais de 15 anos no exterior, o pianista, que um dia desenhou as teclas pretas e brancas do piano em um banco de madeira, enfim se apresenta pela primeira vez no Cine-Theatro Central, o maior palco de sua cidade.

“O filme revela um Brasil com um brilho sem igual, aquele que persiste apesar da falta crônica de apoio, incentivo ou estruturas. É o Brasil que avança e encanta, mesmo quando tudo ao redor empurra para trás”, diz Boccaletti. “Também é o Brasil que, todos os dias, perde talentos: pianistas, bailarinos, cientistas, artesãos, atletas, pela violência ou pela ausência de oportunidades. Moisés, com sua travessia improvável, encarna os dois lados dessa moeda: o milagre da persistência e o “se” do que teríamos a mais em números de talentos caso as condições favorecessem. Acho que o maior desafio desse filme não é simplesmente filmar dedos ágeis correndo pelo teclado, nem enquadrar a virtuosidade técnica. O verdadeiro desafio é encontrar a emoção do personagem e fazer com que ela atravessa cada imagem e todo o arco narrativo. A música clássica é, por natureza, uma arte muito complexa: sua beleza está tanto nas notas, quanto nos espaços entre elas. Moisés entende isso intuitivamente. Ele traz isso com a força de quem toca como quem interpreta a vida. Suas dificuldades, não deixaram ele mais fechado, pra nossa sorte. Elas se transformaram nessas sutilezas”.



Rafael Duarte/Divulgação



*O filme retrata diversas ações positivas em andamento para a limpeza e gestão de resíduos, desde as vilas do Vale do Khumbu até os campos altos*

# Glória (e ecologia) nas alturas

O documentário 'Um Passo A Mais', de Rafael Duarte, leva o cinema brasileiro ao Himalaia na cruzada esportiva e ambientalmente sustentável de Bernardo Fonseca em prol da Natureza

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**E**scaladas em formações lendárias renderam ao cinema imagens inesquecíveis e doses fartas de adrenalina, a julgar por "Risco Total" (1993), "Limite Vertical" (2001) e o cult nacional laureado em Cannes "Gabriel e a Montanha" (2017) – isso quando se pensa em ficção. No documentário, belezas geológicas como o Himalaia já inspiraram festivais como o Banff (prestigiado muitas vezes no Odeon) e o Krakow Mountain Festival, na Polônia, que, neste fim de semana, acolhe a imersão radical do cineasta Rafael Duarte nos rastros de uma jornada às alturas: o filme "Um Passo A Mais".

A partir desta sexta-feira, a plataforma digital Aquarius, cuja

programação está em sintonia com temas ecológicos, sustentabilidade e equilíbrio espiritual, acolhe essa produção, que recria a jornada do empresário, atleta e aventureiro carioca Bernardo Fonseca até o ponto mais alto do mundo, com seus 8.848m acima do nível do mar.

O terreno frio que encarou já foi escalado, segundo dados do Himalayan Database, 12.884 vezes de forma bem-sucedida, sendo que 335 pessoas morreram tentando vencer a montanha desde 1953. Estatísticas alarmantes justificaram a cruzada de Bernardo e seu time: estima-se que no período de um ano, os alpinistas deixem para trás cerca de 100 toneladas de lixo apenas na região da rota da face Sul do Monte. Os dados servem de relevância para a dimensão ambientalista de "Um Passo a Mais"

Rafael Duarte/Divulgação



*'Um Passo a Mais' recria a expedição do alpinista Bernardo Fonseca*

"Produzir um projeto audiovisual tratando sobre resíduos é um grande desafio, pois as imagens destes tipos de objetos normalmente não são visualmente atraentes", diz Duarte ao Correio da Manhã. "Nossa ideia foi explorar o tema valorizando os ecossistemas de montanha. Ou seja, abordar a questão dos resíduos, mas dentro de um contexto de natureza. Explorando assim o potencial que as paisagens tem de encantar o público e, quem sabe, com isso, gerar pré-disposição para a transformação".

Aos 47 anos, Bernardo completou sua primeira maratona ainda adolescente. Com 17, cravou seu primeiro Iron Man. Mais tarde foi recordista da ultramaratona de 100 km na Antártica, encarando -35° C e percorreu 246 km do deserto do Saara a 53° C. Como alpinista escalou o Island Peak (6.129 m), Kilimanjaro (5.895 m), Elbrus (5.681 m), Aconcágua (6.961 m), Huascarán (6.768 m), Quitaraju (6.040 m), Manaslu (8.163 m) e o Everest (8.848 m). Nessa sinergia com a natureza, ele busca entender o impacto gerado pelo esporte e então se relacionar de forma respeitosa com as paisagens que encontra pelo caminho. Por isso, nos eventos esportivos organizados por sua empresa, a X3M, qualquer pessoa que faça descarte irregular de lixo sofre uma punição de 5 minutos.

Na produção da Bambalaio Filmes, a narrativa começa já na entrada para o monte. O filme retrata diversas ações positivas em andamento para a limpeza e gestão de resíduos, desde as vilas do Vale do Khumbu até os campos altos. Existem depósitos ao longo da trilha até o acampamento base. Lá, uma organização que destina o lixo corretamente para reciclagem e estimula o "upcycling", ou seja, transformam o que foi descartado em peças de arte; bolsinhas de 1kg de resíduos são distribuídas para que as pessoas desçam com elas e descartem corretamente na cidade, entre outras iniciativas.

O filme de Duarte acaba por se tornar num registro de prospecção das comunhões possíveis entre esporte e ecologia.



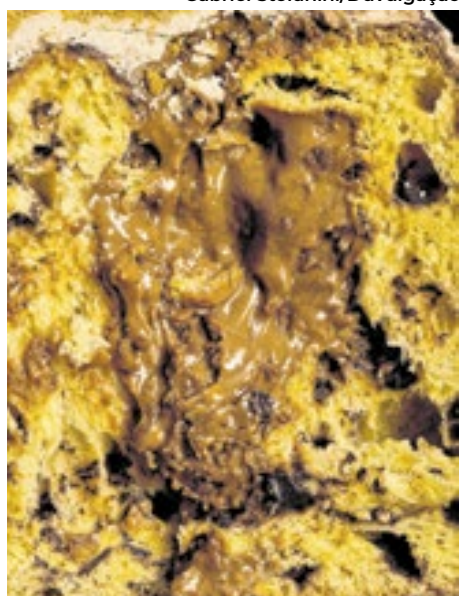
# Panetones para todos os gostos

Marcelo Krelling/Divulgação



MADERO

Gabriel Stefanini/Divulgação



SIN PATISSERIE



DIANNA BAKERY

Tomás Vélez/Divulgação

De versões clássicas ao sabores ousados, um presente irresistível para o fim do ano

Por **Natasha Sobrinho**

(@restaurants\_to\_love)

Especial para o Correio da Manhã

O panetone deste ano chega em várias combinações: desde o tradicional, que nunca sai de moda, até sabores como Pistache, Romeu e Julieta e Biscoff, que já viraram favoritos. E a variedade não para por aí, há opções com chocolates, frutas, cremes e coberturas especiais. Um cardápio completo para quem gosta de manter a tradição ou experimentar algo novo na ceia. Confira a seleção abaixo e escolha seu favorito:



MOMENTO BENDITO

Gabriela Vilela/Divulgação

Divulgação



CARDIN

Divulgação



LE DÉPANNEUR

**MADERO** – O restaurante entra no clima de Natal com duas versões autorais: de panetone com massa de fermentação natural como de frutas cristalizadas com cascas cítricas, que traz um toque clássico ao paladar e o chocotone, com gotas de chocolate, pedida ideal para os amantes da versão mais doce da iguaria. O produto, com 800 g, está disponível nas unidades da casa, além do iFood, pelo valor de R\$ 97. Av. das Américas, 7777 – Barra da Tijuca. Tel: (21) 2391-6389.

**MOMENTO BENDITO** – Em parceria com a chef Carole Crema, a marca apresenta uma linha especial de panetones natalinos. Entre as criações estão: o Chocotone de Doce de Leite e Cookie (R\$

149,90) que combina a maciez da massa com o crocante das pedrinhas de cookie e o recheio generoso de doce de leite. Já o Chocotone de Chocolate Meio Amargo com Toque de Laranja (R\$ 149,90) aposta em um perfil mais equilibrado e sofisticado, com notas cítricas que realçam o sabor do chocolate. Av. Ataulfo de Paiva, 375 – Leblon. Tel: (21) 2391-6389.

**SIN PATISSERIE** – A loja de doces das irmãs Jade e Julia Azevedo apresentam uma coleção de panetones recheados. Entre os destaques estão o Biscoff (R\$ 224 – 700 g) feito com doce de leite aveludado, notas quentes de canela e pedaços de biscoito Lotus que criam uma textura única, o Pistache

Royale (R\$ 224 – 700g) com pistache 100% puro em um creme encorpado que se mistura a uma massa amanteigada e macia e o Rouge (R\$ 197 – 700g) feito com creme de geleia artesanal de morango. Rua Marques de São Vicente, 124 -loja 115 – Gávea. Tel: (21) 97580-3700.

**LE DEPPANEUR** – A delicatessen criou duas versões inéditas de panetones para deixar a ceia super saborosa: o Panetone de Brigadeiro Cremoso e o Panetone Romeu e Julieta com queijo e goiabada. Cada um sai a R\$ 77,90 (aproximadamente 650g) e estão disponíveis para compra nas lojas da marca por tempo limitado. Av. Afrânio de Melo, 290 - Piso 0, Leblon. Tel: (21) 2245-6547.

**CARDIN** – O queridinho natalino ganha versões inéditas na cafeteria como o Chocotone Pistache (R\$ 120 – 500g) feito com massa macia e gotas de chocolate, trufado e com um delicado creme de pistache, finalizado com cobertura de chocolate e pistaches picados. Acompanha medalha dourada de chocolate ao leite Cardin. Rua Carlos Góis, 327 – Leblon. Tel: (21) 99748-4617.

**DIANA BAKERY** – Para o Natal, a chef confeitadeira Dianna Macedo, oferece o Panetone de Frutas Cristalizadas com Cereja Amarela (R\$96). As encomendas podem ser feitas até o dia 19 de dezembro. Rua Dona Delfina, 14 – Tijuca. WhatsApp: (21) 97970-6388.



# Sobradinho de **toda arte**

Série Fora do Eixo mostra a cena cultural em uma das mais antigas cidades do DF

Por Mayariane Castro

O título simbólico de cidade de todas as artes pertence a uma única região administrativa do DF: Sobradinho. Desde 2022, a cidade recebeu o título honorário pela Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF) como uma forma de valorizar a vasta cultura local.

Dessa mesma forma, a gerência de cultura de Sobradinho estruturou o plano de trabalho “Sobradinho é toda arte”, que prevê o cadastramento e recadastramento de artistas da região.

A medida busca atualizar informações de contato e facilitar a gestão de ações públicas voltadas ao setor.

Com o plano, a administração local pretende mapear a produção existente e integrar diferentes linguagens artísticas, tanto as de



Arquivo do Boi do Seu Teodoro

*Boi do Seu Teodoro é uma das principais atrações de Sobradinho*

## Boi do Teodoro é o centro

Manifestação está no cerne da criação do Centro Cultural

O principal equipamento cultural da cidade, o Centro de Tradições Populares de Sobradinho, está no cerne desse movimento.

Criado em 1963 pelo maranhense Teodoro Freire, conhecido como Seu Teodoro, o espaço tornou-se referência na promoção do folclore brasileiro no Distrito Federal. Inicialmente chamado Sociedade Brasiliense de Folclore, adotou o nome atual em 1972 e consoli-

dou-se como sede de manifestações como o Bumba-Meu-Boi e o Tambor de Crioula.

Seu Teodoro nasceu em 1920, no município maranhense de São Vicente Ferrer. Ainda criança, acompanhava grupos de cultura popular, experiência que o aproximou do Bumba-Meu-Boi. Antes de se fixar em Brasília, viveu no Rio de Janeiro. Chegou à nova capital em 1962 para trabalhar na Universidade de Brasília (UnB) e, no ano se-



Agência CLDF

*A arte de Toninho de Souza*

guinte, fundou o centro cultural em Sobradinho com o objetivo de preservar e difundir tradições nordestinas no Planalto Central.

A primeira apresentação de Seu Teodoro em Brasília ocorreu antes de sua mudança definitiva, durante o primeiro aniversário da cidade. O grupo voltou anos depois para se instalar de forma permanente. A sede inicial era construída com

paredes de taipa e chão de terra batida, estrutura substituída ao longo das décadas por um espaço ampliado, hoje utilizado por cerca de 75 integrantes em atividades regulares. As celebrações de São Sebastião, São Lázaro e a tradicional Matança do Boi, realizada há quase cinco décadas, permanecem na agenda anual. O centro também participou de encontros e

caráter popular, representadas pela tradição do Bumba-Meu-Boi e outras manifestações, quanto as das artes visuais contemporâneas.

### Reorganização

A atualização dos dados servirá de base para projetos futuros e para a oferta de atividades culturais na região.

O processo de reorganização ocorre em meio ao reconhecimento da relevância histórica e simbólica do Centro de Tradições Populares e de artistas que contribuíram para a identidade cultural de Sobradinho.

A gerência avalia que o levantamento permitirá maior aproximação entre poder público e comunidade artística, além de facilitar o planejamento de ações continuadas no setor cultural na região.

apresentações em espaços culturais do Distrito Federal.

### Artistas visuais

Além das ações de preservação do folclore, Sobradinho abriga a produção de artistas visuais que se projetaram para além da cidade. Entre eles está Toninho de Souza, radicado na região há 63 anos. Sua obra incorpora elementos do cerrado, presentes tanto em composições figurativas quanto abstratas. O artista transita entre pintura, escultura e objetos tridimensionais e já produziu murais e intervenções em muros, tapumes, guarda-chuvas, outdoors e paradas de ônibus.

Em 2023, a mostra “Toninho de Souza: um alquimista da cor”, expôs trabalhos de diferentes fases do artista. Em outra frente, Toninho participou da primeira Bienal de Arte Urbana, que levou obras de autores do Brasil e de outros países para espaços públicos.



Divulgação

SHOW

Club Vittar no DF

✱Brasília recebe na próxima semana o Club Vittar, projeto eletrônico comandado por Pablo Vittar, que chega à capital em 13 de dezembro. A edição é fruto da parceria entre a Biroasca e o coletivo vapø\_r, referência na cena local e na defesa da diversidade nas pistas. Pablo assume as pick-ups e mostra um lado menos conhecido de sua trajetória, celebrando a cultura clubber. O line-up terá nomes como CADELACÉU, Thales Sabino e Carrie Myers. A festa ocupará o Edifício Darcy Ribeiro, reaberto após anos fechado e agora revitalizado como novo polo cultural do Conic.

Carol Biazin em turnê

✱Brasília será palco do show de Carol Biazin nesta sexta-feira (5). Recém-indicada ao Grammy Latino, a cantora se apresenta no Toinha Brasil Show com a turnê No Escuro Quem É Você, projeto lançado ao longo do ano em duas partes. Os ingressos, a partir de R\$ 240, estão disponíveis para compra na plataforma Articket.

Performática Drag

✱A Performática Drag ocupa o Teatro dos Bancários no dia 8 de dezembro, às 19h, com entrada gratuita mediante retirada de ingressos no Sympla. Uma das maiores vitrines de arte drag do país, a mostra apresenta 20 performances inspiradas no tema “Cinema – Drag, Luz, Câmera, Ação”, integrando o projeto Distrito Criativo, do Distrito Drag em parceria com a Secec-DF. As artistas passaram por seleção e receberam mentoria de Ikaro Kadoshi, Marcia Pantera e Linda Brondi. No palco, nomes como Ayobambi, Carrie Myers e Harley Pocstar se apresentam, além de participação especial de Adora Black.

TEATRO

“A Manhã Seguinte”

✱Sucesso em mais de dez países, a comédia “A Manhã Seguinte”, do dramaturgo inglês Peter Quilter, chega a Brasília para cinco apresentações nos dias 12, 13 e 14 de dezembro, no Teatro Royal Tulip. Após passagens por Rio, Belo Horizonte, Curitiba e João Pessoa, o espetáculo traz Carol Castro, Bruno Fagundes, Gustavo Mendes e Angela Rebello em uma trama leve



Club Vittar chega a Brasília com Pablo Vittar e line-up de DJs em duas pistas

# Um DF de opções de lazer

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Divulgação



Carol Biazin se apresenta no DF com a turnê “No escuro quem é você?”

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

e cheia de reviravoltas sobre encontros inesperados e relações familiares nada convencionais. A direção é de Thereza Falcão e Bel Kutner. Ingressos de R\$ 21 a R\$ 150 no Sympla.

Ópera L'amico Fritz

✱A ópera L'amico Fritz, de Mascagni, será encenada pela Cia de Cantores Líricos com orquestra, coro e solistas nos dias 5, 6 e 7 de dezembro, no Teatro Sesc Paulo Autran, em Taguatinga. A entrada é gratuita. A obra conta a história de Fritz, um rico solteiro que aposta nunca se casar, mas se apaixona por Suzel, levando o rabino David a vencer a aposta. Com duração de 1h30, a ópera tem como destaque o famoso “Dueto das Cerejas”. A Cia, fundada em 2008, apre-





Exposição ‘Povo Fulni-ô’



Performática Drag mergulha no mundo do cinema



Ópera L’amico Fritz

senta o espetáculo com figurinos de época e acessibilidade. Mais informações em @ciadecantoresliricos.

“Manual Antirracista”

✱Nascido de uma oficina teatral da Escola Parque Anísio Teixeira, em Ceilândia, o espetáculo Manual Antirracista segue em temporada no DF com apresentações gratuitas em novembro e dezembro. Criado em 2022, o trabalho cresceu a partir de vivências de estudantes sobre africanidades, representatividade e luta antirracista, resultando na dramaturgia de Alana de Azevedo. A montagem reúne quadros que tratam de contos africanos, violência racial, memória e afeto. As sessões: CEU das Artes de Ceilândia (8 e 9/12), com ingressos pelo Sympla.



Espectáculo “A Manhã Seguinte”



Clube dos Pequenos Leitores recebe Maria Célia

PROJETO

Caminhão do Forró no Gama

✱No mês de dezembro, o Gama recebe o Caminhão do Forró, que estreia no dia 5, às 20h, na Academia Gamense de Letras. A programação segue até 28/12, com apresentações gratuitas em feiras, praças e espaços culturais. O projeto, realizado pelo Instituto Voar Cultural via SECEC-DF, usa um Chevrolet Brasil 1962 como palco e celebra o forró, o xote e o baião com repertório de Paulim Diolinda e clássicos nordestinos.

Clube dos Pequenos Leitores

✱O Boulevard Shopping Brasília realiza no sábado (6), às 16h, a última edição do Clube dos Pequenos Leitores, no Espaço Boulevard Kids. A

convidada é a escritora e contadora de histórias Maria Célia Madureira, que apresentará o universo de Racumim, do livro “Deu Rato na Biblioteca”. A participação é gratuita, mediante inscrição no site do shopping e doação de um livro infantil em bom estado.

Feira Dead Rabbit

✱O selo independente Dead Rabbit Comics, ativo desde 2023, realiza nos dias 13 e 14 de dezembro, das 11h às 20h, a Feira Dead Rabbit de Quadrinhos – Edição Especial de Natal, no Espaço Cultural Renato Russo (508 Sul). Serão 125 expositores, entre quadrinistas, ilustradores, artistas plásticos, livrarias e sebos, além de troca de quadrinhos, prêmios e atividades gratuitas. A programação inclui workshops, consultorias e gincanas. Entrada franca e classificação livre.

EXPOSIÇÃO

Mostra da fotógrafa Raissa azeredo

✱A fotógrafa, indigenista e antropóloga Raissa Azeredo apresenta a exposição “Povo Fulni-ô – Entre a Caatinga e o Cerrado”, realizada pela Onã Produções. A mostra reúne registros feitos em Águas Belas (PE) e na Terra Indígena Santuário Sagrado dos Pajés, no DF, documentando saberes, memórias e práticas tradicionais do povo Fulni-ô. Após passar por outros espaços, segue na CLDF até 15 de dezembro, com visita gratuita de segunda a sexta, das 9h às 19h.

Mostra de arte do Conic

✱A maior mostra de arte já recebida pelo Conic estreou com grande público e presença de figuras importantes, como o secretário de Segurança Pública, Sandro Avelar. A exposição transforma o conjunto no coração do Plano Piloto em uma galeria a céu aberto, reforçando o protagonismo dos artistas de Brasília. Para Flávia Portela, idealizadora, a estreia confirma a força cultural do espaço. A mostra segue aberta e gratuita até o aniversário de Brasília, no Edifício Boulevard, no Conic.

FESTIVAL

Brasília Moto Festival

✱Brasília Moto Festival ocorre de 11 a 14/12 no Eixo Cultural, com shows, expositores, motos, carros antigos e entrada mediante doação. Classificação etária: livre



# ○ Brasil fala **africano**

Mostra no TCU mostra a influência negra no português do brasileiro

Por Mayariane Castro

O Tribunal de Contas da União (TCU) abre ao público a exposição “Línguas africanas que fazem o Brasil”, dedicada a mostrar como idiomas de matrizes africanas influenciaram a formação do português e da cultura no país.

A mostra, com curadoria do músico e filósofo Tiganá Santana, integra as ações do Mês da Consciência Negra e estará aberta até 18 de janeiro de 2026, com visitação gratuita todos os dias, das 9h às 18h, no Centro Cultural TCU, em Brasília.

Realizada em parceria com o Museu da Língua Portuguesa, a exposição reúne obras, objetos e projeções que evidenciam a presença de idiomas como quimbundo, quicongo, umbundo, iorubá e fon

na construção da língua falada no Brasil. O projeto tem patrocínio do Banco do Nordeste do Brasil (BNB) e apoio do Sindilegis.

Instalada na Galeria Marcantonio Vilaça, a mostra propõe uma imersão no processo de formação linguística do país e orienta o visitante ao reconhecimento da contribuição africana para a história brasileira. Segundo o TCU, a iniciativa visa contextualizar o impacto desses idiomas no vocabulário, na pronúncia e na estruturação de pensamentos presentes no português brasileiro.

O conteúdo destaca que palavras amplamente usadas no cotidiano, como “fofoca”, “caçula”, “moleque” e “marimondo”, têm origem africana, embora muitas vezes não sejam associadas ao continente.

## Da “fofoca” ao “axé” e o “**acarajé**”

Linguagem é importante elemento da memória coletiva

Outras expressões, como “axé” e “acarajé”, já são reconhecidas como provenientes de línguas africanas. A exposição reúne esses exemplos para indicar que o contato linguístico estabelecido ao longo dos séculos moldou maneiras de falar, agir e interpretar o mundo no território brasileiro.

Além da abordagem linguística, a mostra apresenta referências à presença africana em manifestações culturais brasileiras, como música, arquitetura

e festas populares. A exposição reúne obras de artistas como Aline Motta, Rebeca Carapiá, Antonio Obá, Dalton Paula, Goya Lopes e Leni Vasconcellos. Entre instalações, fotografias, esculturas, objetos, vídeos e telas, o conjunto organiza uma cartografia visual das palavras e do legado ancestral que compõe o tecido social do país.

### Programa educativo

O Centro Cultural TCU



Exposição mostra que nem tudo o que falamos no Brasil é português

TCU



Agência Brasil

Mostra é parceria com o Museu da Língua Portuguesa

afirma que a exibição integra seu Programa Educativo, voltado à promoção de ações de mediação cultural, oficinas, formações e conteúdos acessíveis. O objetivo é ampliar a formação de públicos diversos, com atenção especial a estudantes e comunidades do Distrito Federal.

As visitas mediadas podem ser agendadas e buscam apro-

ximar o público do processo de construção histórica que resultou nas dinâmicas atuais da língua portuguesa no Brasil.

De acordo com os organizadores, a exposição reforça o papel da linguagem como elemento de memória coletiva. O conjunto de obras e materiais selecionados apresenta diferentes formas de registro e interpreta-

ção da presença africana, evidenciando como idiomas e práticas culturais foram incorporados ao cotidiano brasileiro, muitas vezes sem o devido reconhecimento de suas origens.

### Força e riqueza

A artista plástica Leni Vasconcelos complementa sobre a influência africana nas expressões diversas do Brasil. “A África me mostrou a força e riqueza dos saberes, formas sofisticadas de representação dos pensares dos seus povos. Uma trajetória inquecível que resultou em obras capturadas numa troca intensa de vivências, recebendo, com generosidade, a exuberância das suas maneiras de se expressar. Impressionada pela vastidão das expressões fortes, nas formas, nas cores vivas, nos sorrisos que muitas vezes contrastam com a realidade da sofrida história do continente. Um verdadeiro mergulho na riqueza da africanidade em nós”.



#cm  
2  
FIM DE SEMANA



Thaty Aguiar/Divulgação

# O Samba não sai dos trilhos

Trem do Samba chega aos 30 anos resgatando as viagens musicais lideradas por Paulo da Portela que driblaram a repressão policial nas primeiras décadas do século passado.

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE



Por Lanna Silveira

O recém-inaugurado Museu Vassouras abre oficialmente a sua programação artística com a exposição “Chegança” neste sábado (6), permanecendo em cartaz até maio de 2026. A mostra, construída de forma coletiva, celebra as tradições populares e as múltiplas vozes do Vale do Café com a reunião de, aproximadamente, 130 obras de mais de 60 artistas.

Com curadoria de Marcelo Campos e assistência curatorial de Thayná Trindade, a exposição mergulha na história do território a partir dos ritos e festejos, trajetos do trem, o rio paraíba e conexões culturais, do jongo, da folia de reis a figuras históricas.

A expografia de “Chegança”, projetada pela arquiteta Gisele de Paula, propõe uma experiência imersiva e sensorial, onde o visitante é convidado a percorrer espaços marcados por cores, luzes e materiais que remetem às camadas simbólicas da região.

Complementando o percurso visual, a paisagem sonora criada pelo produtor musical Alê Siqueira costura os sons do vapor, do trem, do rio e das manifestações populares com cantos de artistas locais e gravações históricas de Clementina de Jesus e Rosinha de Valença. A trilha inclui ainda a participação do rapper indígena Kandú Puri,

# Ode ao Vale do Café

Museu Vassouras celebra narrativas regionais com a exposição “Chegança”

promovendo o encontro entre tradição e contemporaneidade.

Durante todo o período da mostra, o Museu Vassouras promoverá ativações mensais com performances, oficinas, rodas de conversa e encontros de folias e jongo, ampliando o diálogo entre artistas e comunidade.

Em paralelo, será lançado um material pedagógico voltado para professores e alunos das escolas da região, abordando os temas da exposição a partir de uma perspectiva plural e inclusiva. O material visa fortalecer o vínculo entre o museu



Divulgação

De Walter Firmo, “Carnaval no Trem” é uma das obras em exposição

e a educação, promovendo a escuta ativa e o pertencimento das comunidades locais.

## Percorso expositivo

A exposição se organiza em três núcleos temáticos — Folias, Vapor e Milagre — que formam um roteiro poético e sensorial pelas culturas que brotam da região. O visitante é convidado a atravessar esse território simbólico como quem percorre uma festa ou um cortejo, guiado por cantos, memórias e presenças.

No eixo Folias, a mostra mergulha nas expressões populares, das folias de reis aos cortejos urbanos, revelando a alegria como gesto de resistência, encantamento e continuidade. É o ponto de partida de “Chegança”,

onde o território se anuncia em ritmo e celebração. As festividades atravessam o Vale do Café para encontrar as ruas vivas de Vassouras, os quintais enfeitados e os cortejos que lembram que o tempo da alegria também é tempo de memória.

O núcleo Vapor atravessa os antigos trilhos de ferro que conectaram o Vale do Café à Central do Brasil. Ali, o trem encontra o batuque do jongo, reverberando manifestações afrodiáspóricas, trazendo vozes ancestrais e lideranças históricas quilombolas, além de fazer referência aos quintais como nascedouros de rodas de samba e improvisado. A seção, com as paredes em tom de marrom — remetendo ao ferro e à ferrugem —,

explora diferentes aspectos da travessia cultural na região.

Por fim, o núcleo Milagre nasce das águas do Paraíba do Sul — fio vivo que conduz mitos, crenças e ritos do Vale. Entre a aparição de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Vassouras, a lenda do Caboclo d'Água e os peixes como promessa de fartura, o rio revela um território onde fé, natureza e cotidiano se entrelaçam. A noção de milagre se fortalece pela arquitetura do espaço: uma claraboia ilumina a sala como uma anunciação, criando um imaginário quase barroco que envolve visitantes em luz e sombra.

Mais detalhes sobre as obras expostas e os artistas representados estão disponíveis pelo site: [museuvassouras.org.br](http://museuvassouras.org.br).



Divulgação

De Aline Motta, “Filha Natural” está em mostra



# Do Japão para o Sul Fluminense

## Grupo Birushanah fecha duas datas de sua turnê brasileira na região

Em meio a uma turnê com datas em diversas cidades brasileiras, a banda japonesa de sludge metal progressivo Birushanah fará duas apresentações na região Sul Fluminense: uma em Resende, neste domingo (7), e outra em Volta Redonda, na próxima segunda-feira (8).

Com mais de duas décadas de trajetória, a banda se formou na cidade de Osaka, em 2002. Sua carreira conta com o lançamento de seis discos e turnês



Birushanah

Reprodução

pela Ásia, Europa e o continente Americano. O grupo apresenta a construção de uma discografia de sonoridade considerada “singular” pelos amantes de metal, devido a fusão de percussão metálica, escalas tradicionais da música japonesa e marcas de metal extremo.

### Resende

O Birushanah será recebido em Resende pelo coletivo underground Vale da Estranheza, às 15h. O evento, que será sediado na Casa do Fralda, também contará com a participação da banda barramansense Jogo Sujo, que explora a sonoridade do hardcore em um som agressivo, que retrata temas como resistência e controle social. Os ingressos já estão sendo vendidos de forma antecipada e podem ser garantidos pelo perfil do Instagram:

@\_valedaestranheza.

### Volta Redonda

Na Cidade do Aço, a banda será recebida na Central Antenadu pelo evento “Segunda-feira de Recitais Experimentais”, a partir das 19h30. Os ingressos serão vendidos na porta do evento. Além do Birushanah, a line da noite contará com os projetos solo dos músicos João Kombi, da banda Test, e Douglas Leal, da banda Deafkids: “Kombi” e “Yantra”, respectivamente. Enquanto Kombi promove um som experimental com imersão de drones de guitarra e frequências brutas, Yantra navega pela psicodelia, com flautas e drones de guitarra.

Ambos os projetos obtiveram lançamentos recentes: o LP “Alimento a Dor”, de Kombi, e o álbum “UM”, de Yantra.

## ROTEIRO CULTURAL

POR LANNA SILVEIRA

José Cruz/Agência Brasil



### Dança urbana

O Centro Cultural Fundação CSN, em Volta Redonda, será palco do “Dance Street” neste sábado (6), a partir das 14h. O evento gratuito, que haverá programação de workshops e batalhas de dança, é uma oportunidade para trocar experiências, desenvolver habilidades e ampliar repertórios. A agenda contará com Workshop de Jazz Funk às 14h; Workshop de Hip Hop às 15h; Batalha de coreógrafos às 16h20; e Batalha de All Style às 17h.

Divulgação



### Soco literário

O professor, ator e poeta barramansense Albinno Oliveira lançará o livro “Bata a porta depois de sair” nesta sexta-feira (5), às 19h, na Biblioteca Municipal de Barra Mansa. O livro busca se apresentar, nas palavras do autor, como um “soco literário”, misturando poesia, micro contos e crônicas que visam provocar o leitor. A obra busca questionar a sociedade e convidar o público a refletir sobre desigualdade, preconceito e as contradições do cotidiano.

Reprodução



### Festa de metal

O Sangue Podre Fest - evento underground de metal - promoverá mais uma edição em Volta Redonda neste sábado (6), a partir das 17h, no Taverna The Dragons Roost. A line-up da noite contará com as bandas: Sangue de Bode (metal extremo); Cicatra (metal); Sniprek (nu metal); e Hemorrhage (black metal). Os ingressos estão a venda pela plataforma UTicket. O evento também promove arrecadação de brinquedos para presentear crianças no natal.

Reprodução



### Ode ao rock

A Central Antenadu receberá o evento “Rocka X” neste sábado (6), a partir das 18h. O evento entregará um conjunto de shows de bandas de diferentes vertentes do rock, contando com a seguinte line: Iguanas-X (alternativo/post punk/grunge), Camille Claudel (shoegaze mandrake/noise) e Madame Salame (indie rock). Os ingressos antecipados do evento já estão a venda pela plataforma Sympla.



#cm  
2  
FIM DE SEMANA



Thaty Aguiar/Divulgação

# O Samba não sai dos trilhos

Trem do Samba chega aos 30 anos resgatando as viagens musicais lideradas por Paulo da Portela que driblaram a repressão policial nas primeiras décadas do século passado.

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE